

RESSIGNIFICAÇÕES LITERÁRIAS: A INSERÇÃO DA MULHER BRANCA EUROPEIA PELOS PROGRAMAS *ÓRFÃS D'EL-REI* E *FILLES DU ROI*

Literary redefinitions: the insertion of the white European woman by the programs *orphans d'el-rei* and *filles du roi*

Beatrice Uber
Universidade Estadual do Oeste do Paraná (UNIOESTE)
bea_uber@hotmail.com

RESUMO

Com base nos eventos históricos dos programas *órfãs d'el-rei*, colocado em prática pelo império português para o Brasil e a Índia nos séculos XVI e XVII, e *filles du roi*, instituído pelo império francês para a Nova França, o atual Canadá, no século XVII, o presente artigo revisita os primórdios da colonização brasileira e canadense por meio das obras literárias *Desmundo* (1996), de Ana Miranda, e *Bride of New France* ([2011] 2013), de Suzanne Desrochers. A partir da ótica feminina das protagonistas Oribela do Mendo Curvo e Laure Beauséjour, somos contemplados com uma percepção do “Novo Mundo”, o encontro com os habitantes nativos e o processo de adaptação nessas terras em desbravamento em consequência de seus matrimônios. Assim, esse artigo apresenta um recorte da dissertação *A inserção da mulher europeia na conquista do “Novo Mundo”*: perspectivas literárias, defendida em 2017, com foco em personagens ex-cêntricas em romances híbridos de história e ficção.

PALAVRAS-CHAVE: literatura brasileira; literatura canadense; romance histórico contemporâneo de mediação; *Desmundo* (1996); *Bride of New France* (2013).

ABSTRACT

Based upon the historical events of the programs *orphans d'el-rei*, put into practice by the Portuguese empire for Brazil and India in the 16th and 17th centuries, and *filles du roi*, established by the French empire for New France, the current country called Canada, in the 17th century, this article revisits the early days of the Brazilian and Canadian colonization through the literary works *Desmundo* (1996), by Ana Miranda, and *Bride of New France* ([2011] 2013), by Suzanne Desrochers. From the female perspective of the protagonists Oribela do Mendo Curvo and Laure Beauséjour, we are contemplated with a perception of the “New World”, the encounter with the native inhabitants and the process of adaptation in these lands due to their marriages. Thus, this article presents a cutout of the dissertation *The insertion of European women in the conquest of the “New World”*: literary perspectives”, defended in 2017, with a focus on decentralized characters in hybrid novels of history and fiction.

KEYWORDS: Brazilian literature; Canadian literature; mediation contemporary historical novel; *Desmundo* (1996); *Bride of New France* (2013).

Considerações iniciais: conexões historiográficas e fictícias

O início da colonização do “Novo Mundo” foi marcado pela perspectiva masculina, em específico, a do navegador Cristóvão Colombo que, em seu *Diário*¹, relatou o encontro com a nova terra, os habitantes nativos que ali residiam e seus hábitos. Assim que o processo colonizador foi posto em prática, essa ótica eurocêntrica reinou sobre aqueles que foram considerados inferiores. Destacaram-se e difundiram-se, dessa forma, conceitos hegemônicos daqueles que eram detentores,

¹ Para a produção deste artigo foi adotado a edição do original do *Diário* feita por Consuelo Varela, em *Cristóbal Colón: textos y documentos completos*. Madri: Alianza Editorial, 1982.

à época, do poder da escrita e da manifestação pública. Consequentemente, as mulheres foram relegadas à margem e tiveram seus pontos de vistas excluídos.

Em territórios marcados pela constante presença masculina, a feminina fazia-se irrelevante. Todavia, os colonizadores destituídos de sua terra natal e vivendo em condições precárias, desejavam regressar a seu país de origem, local de maior conforto onde já existia uma sociedade estruturada nos moldes em que buscavam fundar nas colônias. Para evitar o abandono das novas terras que os grandes impérios tentavam colonizar, buscaram-se soluções no ato de fazer com que esses desbravadores – de casta mais alta – criassem raízes nesses territórios.

Ao considerar tal ideia, o império português colocou em prática o programa *órfãs d’el-rei* (COSTA, 1946; GARCIA, 1946; ALMEIDA, 2003; e RAMOS, 2007) que visava enviar moças órfãs de pai e mãe, de um casamento católico legítimo, sem raça moura, jovens, saudáveis e em idade de procriação à colônia brasileira. Essas jovens foram amparadas pela Rainha Catarina e destinadas ao Brasil com o propósito de separar os colonizadores das uniões ilegítimas com as mulheres nativas da terra, de gerar filhos de pele alva para Portugal, difundindo o lema de “unidade e pureza” (SANTIAGO, 2000), bem como de fortalecer o processo de desbravamento daquelas terras.

Tal propósito também foi instituído pelo império francês para a Nova França, o atual Canadá, no século XVII. O Rei Luís XIV enviou cerca de oitocentas mulheres pelo programa *filles du roi* (RUNYAN, 2010; ZUG, 2016), filhas do rei, para desposar colonizadores e trabalhadores com o propósito de que eles permanecessem na terra a ser colonizada. Além disso, elas deveriam gerar inúmeros filhos dentro do laço matrimonial e ajudar a nova colônia a prosperar.

Devido ao obscurecimento das histórias dessas mulheres, as *órfãs d’el-rei* e as *filles du roi*, a ficção quebra barreiras e transporta para o campo literário essa temática com o intuito de avivar a memória coletiva a respeito desses programas monárquicos de inserção da mulher branca na América. Assim, nessa interseção entre o discurso histórico e o literário, apresentam-se narrativas híbridas de história e ficção – os romances históricos que, segundo uma breve definição de Mata Induráin (1995, p. 16), “*sitúan sua acción (ficticia, inventada) en un pasado (real, histórico) más o menos lejano [y] debe reconstruir, o al menos intentar reconstruir, la época en que sitúa su acción [...]*”² Ademais, Mata Induráin (1995, p. 18) explica que na edificação de um romance histórico “*todo ese elemento histórico es lo adjetivo, y que lo sustantivo es la novela.*”³

Ao longo dessa transposição temática, enquanto muitos romances históricos evidenciam narrativas de cunho apologético em relação a seus eventos, personagens e épocas, outras mostram desconstrução e ressignificação dos acontecimentos, guiando seu público leitor para um questionamento a respeito do teor dos registros sobre eles; e, não menos importante, algumas obras apresentam uma mediação entre esses dois estilos de escrita fictícia. A classificação de Fleck (2017), por exemplo, divide os romances híbridos de história e ficção em três fases, as quais abarcam cinco categorias.

A primeira fase denomina-se acrítica e está composta por duas modalidades: os romances históricos clássicos – cuja modalidade difundida por Walter Scott angariou seguidores em diversos países, como Itália, França, Alemanha entre outros, segundo Alonso (1984) –; e o romance histórico tradicional, modalidade cujas características foram aprofundadas nos estudos de Fleck (2017). A primeira teve sua produção consolidada a partir de 1814/19 e persistiu até meados do século XX, enquanto a segunda floresceu já no Romantismo europeu e se mantém até os dias atuais. São modalidades que, basicamente, primam por renarrativizar um evento histórico, mas de maneira exaltadora.

Na primeira dessas modalidades, as personagens protagônicas, puramente ficcionais e considerados cidadãos comuns, debatem-se por causa de um amor que pode ter tanto um final feliz como trágico. O período histórico e as personagens de extração histórica na qual a diegese amorosa

² Tradução livre: Situa sua ação (fictícia, inventada) em um passado (real, histórico) mais ou menos distante [e] deve reconstruir, ou ao menos tentar reconstruir a época em que situa sua ação [...].

³ Tradução livre: Todo esse elemento histórico é o adjetivo, e que o substantivo é o romance.

se desenvolve é pano de fundo no romance histórico clássico e o caso amoroso vigora em primeiro plano. Já na modalidade do romance histórico tradicional, o “evento histórico e seus protagonistas focalizados na narrativa ficcional constituem o eixo único do romance.” (FLECK, 2017, p. 50).

A segunda fase denomina-se crítica/desconstrucionista e contempla outras duas modalidades: o novo romance histórico clássico, estudado por Aínsa (1991) e Menton (1993), cuja produção literária teve início em 1949 e perdura até hoje; e a metaficção historiográfica, difundida por Hutcheon (1991), cuja vigência passou a ser percebida na pós-modernidade.

Na primeira, encontramos ressignificações críticas de certos períodos históricos, cuja releitura é feita de maneira paródica, com distorção consciente da história com o emprego de exagerações, anacronismos e omissões. Neles há a ficcionalização de personagens históricas bem conhecidas, comentários do narrador sobre o processo criacional da obra, intertextualidade e conceitos bakhtinianos, como dialogia, carnavalização, paródia e heteroglossia (MENTON, 1993).

Na segunda modalidade, ocorre uma representação ficcional autoconsciente em que, ao se reescrever o passado no presente, reorganiza-se o nível de informação difundida pela história oficializada por meio de questionamentos autorreflexivos do narrador, do autor implícito ou ficcionalizado inseridos na obra. Além disso, Hutcheon (1991) explana que seus protagonistas são personagens marginalizados, ex-cêntricos, e figuras periféricas que tomam conta da narrativa enquanto as personagens históricas são relegadas a um papel secundário. Por fim, nesse processo de assimilar o discurso histórico ao ficcional, “a metaficção historiográfica se aproveita das verdades e das mentiras do registro histórico.” (HUTCHEON, 1991, p. 152).

A terceira fase chama-se crítica/mediadora e abarca uma modalidade: o romance histórico contemporâneo de mediação, estudada e difundida por Fleck (2007, 2011, 2017). Seu percurso vigora desde o final da década de 1970 até os dias atuais. Observa-se, nessa modalidade, o amálgama de algumas características das duas fases previamente mencionadas. Essa modalidade apresenta seis características fundamentais. De acordo com Fleck (2017, p. 109-111), são elas: releitura crítica verossímil do passado histórico; narrativa fictícia linear do evento histórico recriado; foco narrativo em personagens marginalizados e ex-cêntricos; vocabulário simples e fluído, mas que pode ser arcaizado para ofertar mais verossimilhança ao tempo da narrativa; inserção de recursos escriturais bakhtinianos como paródia, dialogia, polifonia com presença de intertextualidades; e emprego de recursos metaficcionais ao longo do romance histórico.

Assim sendo, neste artigo, optamos por dar ênfase aos romances históricos contemporâneos de mediação porque eles não carregam consigo a necessidade de exaltação do evento histórico, mas de revistá-lo e questioná-lo. Consequentemente, nesse ato de indagação, a perspectiva da história “vista de cima” (SHARPE, [1991] 2011) é obrigada a dividir seu espaço com a da história “vista de baixo” (SHARPE, 2011). Por isso, as construções romanescas *Desmundo* (1996), da brasileira Ana Miranda, e *Bride of New France* (2013), da canadense Suzanne Desrochers são consideradas obras que fazem a diferença sobre a releitura do processo de colonização do Brasil, no século XVI, e do Canadá, no século XVII, pois ofertam perspectivas diferenciadas daquelas que foram difundidas pela história oficializada a partir de uma perspectiva hegemônica. Isso posto, esse artigo buscar apresentar fragmentos da análise da dissertação *A inserção da mulher europeia na conquista do “Novo Mundo”* – perspectivas literárias, defendida por mim, em 2017, na Unioeste – Universidade Estadual do Oeste do Paraná.

***Desmundo* (1996) e *Bride of New France* (2013): ressignificações dos programas *órfãs d’el-rei e filles du roi* por meio da literatura brasileira e canadense**

O romance brasileiro *Desmundo* (1996), de Ana Miranda, tem como temática principal a ótica feminina da personagem Oribela do Mendo Curvo sobre os primeiros anos de colonização do Brasil. Na diegese, essa personagem vem ao “Novo Mundo” para desposar um colonizador português, gerar filhos de pele alva e separá-lo de uniões ilegais com as mulheres nativas.

A narrativa se passa em meados do século XVI e seus eventos estão narrados de forma linear conforme a perspectiva da protagonista, Oribela, que enuncia em primeira pessoa. Essa jovem órfã, configurada como uma *órfã d'el-rei*, relata sua viagem ao Brasil colônia, seu encontro com uma nova cultura, o matrimônio com a personagem de extração histórica Francisco de Albuquerque, seu processo de adaptação na terra em fase de desbravamento, suas duas tentativas frustradas de regressar ao seu país de origem – Portugal, o caso amoroso com Ximeno Dias, o nascimento do filho e o abandono pelo esposo que, após reconhecer o filho como símbolo da traição da esposa, retorna a Portugal, deixando-a no *desmundo*.

Já o romance canadense *Bride of New France* (2013), de Suzanne Desrochers, revisita os primórdios da colonização canadense, no século XVII. Um narrador heterodiegético reconta, de maneira linear, a história da jovem Laure Beauséjour, retratada como uma *fille du roi* e protagonista do romance. Observamos que a figuração da vida dessa moça é exposta desde sua estadia no *Salpêtrière Hospital*, passando pela árdua viagem marítima, enfatizando-se a sua chegada ao “Novo Mundo”, a escolha do marido, a vida nas florestas canadenses, a relação extraconjugal com o nativo Deskaheh, o falecimento do esposo, o nascimento do filho gerado fora do laço matrimonial e o abandono dessa criança, que marca a protagonista como uma transgressora das leis na Nova França e dos desejos da coroa francesa.

Ambas as construções romanescas, ao seguir a linearidade cronológica dos eventos e fixando-se neles para que a narrativa possa progredir, deixa de lado as sobreposições temporais e anacronias exageradas do novo romance histórico latino-americano e da metaficção historiográfica, classificam-se como romances históricos contemporâneos de mediação, modalidade de romance difundida por Fleck (2007, 2011, 2017).

A protagonista, Oribela, do romance *Desmundo* (1996), quando desembarca no “Novo Mundo” enxerga-se como uma órfã de grande valor, pois comungava da visão política do rei de Portugal, que queria “dar salvamento a esta terra” (MIRANDA, 1996, p. 22) e, como havia se guardado virgem para o seu esposo, ela concorda com a visão instituída pela Igreja Católica de que mulher deveria pertencer a um único homem, o marido, “para o meu varão me guardei perfeita, ru, ru, menina, ru, ru, chegasse com o pé direito” (MIRANDA, 1996, p. 30). Além disso, o fato de ser observada pelas mulheres nativas da terra a coloca em situação de exaltação: “de umas frestas das janelas se viam sombras escuras de gente nos espreitando, deviam ser as mulheres do lugar, tivessem birra de nós, lá de trás da casa, ó sol, feito umas galinhas chocas.” (MIRANDA, 1996, p. 35). Todavia, sua percepção do “Novo Mundo” é transformada ao longo do relato, pois o local, a princípio e aos seus olhos, não passa de

[...] umas povoações não fortificadas, não podendo resistir a afrontas, vivendo os moradores tão atemorizados que deixavam suas coisas metidas em sacos para correrem ao mato à vista de qualquer vela, ou para o mar ao grito de um bugre, aldeias e vilas que mas supunha onde se podia acabar, mais embaixo, um rio só de pratarias e de gente castelhana que se ajuntava a selvagens e corria mundo, matando, assacando, sem medo de abismos nem dos gigantes que lá viviam metidos em roupas de ciganos. (MIRANDA, 1996 p. 19)

Ao contrário dos hábitos com os quais a personagem estava acostumada na metrópole colonizadora, nas terras que veio habitar deparou-se com cenas que lhe causaram os choques iniciais com os costumes já enraizados entre os colonizadores, pois

[...] homens bons vieram com umas negras naturais da terra e que ficaram de fora da porta, não deixou o padre entrar nenhuma delas, ficaram nos calcanhares, assoprando fumaça de uns canudinhos, falando numa língua brava e rindo. Aquelas eram amancebadas de cristãos e de padres, que quando delas se cansavam as vendiam aos vizinhos que as desejavam e assim se faziam mercas de fêmeas. (MIRANDA, 1996, p. 70).

Consequentemente, aquele viés enaltecedor de *órfã d'el-rei* é deixado de lado porque ela se encontra vivendo num lugar que seria o fim do mundo, isto é, o *desmundo*. Ela não só enxerga como compreende que naquela terra a mistura de raças, credos e costumes não levava em consideração os hábitos eurofocêntricos. Até as figuras religiosas usufruíam das mulheres da terra e, assim, a cultura de seguir os preceitos religiosos era algo visto sob outras óticas.

Essa mesma perspectiva de desilusão da personagem protagonista também ocorre no romance *Bride of New France* (2013), pois a protagonista, Laure, já é apresentada a uma visão da Nova França, o atual Canadá, ainda em sua terra de origem quando vai até um hospital visitar a amiga Mireille e, a enfermeira que havia cuidado dessa jovem antes de falecer, comenta-lhe: “*Canada? Well, it’s just as well she died, then.*” [...] “*Terrible. Just because we don’t know what to do with them here doesn’t mean they deserve to be sent over there to freeze in the forest.*”⁴ (DESROCHERS, 2013, p. 32).

Todavia, essa personagem protagonista do romance é enviada ao Canadá como forma de melhorar sua vida, conseguir um casamento e ajudar a colônia a prosperar. Assim, num lugar onde havia poucas mulheres, ela poderia escolher seu marido. Numa viagem custeada pelo Rei Luís XIV, ela embarca numa jornada ultramarina de meses em que a comida e a água eram escassas e estava sujeita a piadas por parte dos marinheiros, pois, conforme Ramos (2007), a mulher em embarcações marítimas era considerada um símbolo de má sorte.

Ao desembarcar em terras canadenses, Laure, configurada como uma *fille du roi*, aprende que o povo nativo da região era temido, pois “*they attack by surprise in the forest, scalp their victims, and torture even the women and children they capture.*”⁵ (DESROCHERS, 2013, p. 124) e que os homens franceses “*are desperate to leave the colony. The men are held back from boarding by the ship’s guards, and some fighting ensues.*”⁶ (DESROCHERS, 2013, p. 127). Dessa forma, o novo local, que seria seu lar, mostra-se como um lugar suscetível aos ataques dos habitantes nativos da terra e que, talvez, a proteção francesa fosse insuficiente. Ademais, o fato de os homens pretenderem regressar a qualquer custo para a França deixa claro que o lugar ofertado a se viver não era tão acolhedor.

Essas duas perspectivas do “Novo Mundo” brasileiro e canadense assustam as protagonistas dos romances, pois elas sabem que retornar ao “Velho Mundo” era, praticamente, impossível, embora houvesse tentativas para isso. Nesse processo de visualizar, constatar e apresentar uma versão diferenciada daquela difundida pela historiografia tradicional, as personagens Oribela e Laure veiculam “uma releitura crítica do passado, diferentemente das narrativas tradicionais, que ainda seguem, em boa parte, os parâmetros dos cânones europeus” (FLECK, 2017, p. 109). Essa característica também faz parte do romance histórico contemporâneo de mediação, que contesta a visão pré-estabelecida exaltadora sem desconstruir de maneira irrisória, carnavalizada ou irônica, mas de uma forma mediadora, isto é, por meio de uma criticidade argumentativa ancorada em visões de personagens relegadas às margens da historiografia.

Num dos primeiros momentos de sua chegada, a jovem Oribela se depara com “o Outro”, que “significa a alteridade radical não reduzida a qualquer identificação imaginária ou subjetiva” (BONNICI, 2007, p. 195). Uma nativa da terra, ao aparecer desnuda em frente da protagonista, a faz abrir os olhos para o seu próprio corpo – tão ocultado pelos conceitos difundidos pela ideologia patriarcal e fé cristã. Segundo seu relato:

Por meus brios e horrores, não despreguei os olhares das naturais, sem defeitos de natureza que lhes pudessem pôr e os cabelos da cabeça como se forrados de martas, não pude deixar de levar o olhar a suas **vergonhas** em cima, como embaixo, a ver

⁴ Tradução livre: “Canadá? Bem, que bom que ela morreu então. [...] Horrível. Só porque não sabemos o que fazer com elas aqui não significa que elas merecem ser enviadas para lá para morrer congelada na floresta.”

⁵ Tradução livre: “Eles atacam de surpresa na floresta, escarpelam suas vítimas, e torturam até as mulheres e crianças que eles capturam.”

⁶ Tradução livre: “estão desesperados para deixar a colônia. Os homens são impedidos de embarcar pelos guardas do navio, e algumas brigas são ocasionadas.”

em um espelho. Nunca fora dito haver mulheres assim, nem pudera inventar em minhas ignorâncias. (MIRANDA, 1996, p. 39 – grifo nosso).

Esse trecho do romance brasileiro híbrido de história e ficção nos remete ao termo “vergonhas”, usado por Pero Vaz de Caminha, em seu relato de descobrimento do Brasil, quando mencionou o local com o qual se deparou, bem como seus povos e costumes. Em um trecho da carta, o navegador relata: “E uma daquelas moças era toda tingida, de baixo a cima, daquela tintura; e certamente era tão bem feita e tão redonda, e sua vergonha – que ela não tinha! – tão graciosas, que a muitas mulheres de nossa terra, vendo-lhes tal feições, provocaria vergonha, por não terem as suas como a dela.” (CAMINHA apud CASTRO, 2008, p. 96-97). A menção de tal termo indica a presença da estratégia da intertextualidade que, conforme Samoyault ([2001] 2008), seria a inserção de um texto dentro de outro, isto é, “o texto aparece então como o lugar de uma troca entre pedaços de enunciados que ele retribui ou permuta, construindo um texto novo a partir dos textos anteriores.” (SAMOYULT, 2008, p. 18).

Já no romance canadense, umas das intertextualidades presentes na obra é trazida à tona no desembarque das jovens retratadas como *filles du roi*. Elas são recepcionadas com o *Te Deum*, uma música em forma de salmo antigo que exalta a vinda dessas mulheres corajosas: “*Te Martyrum candidatus laudat exercitus. Te per orbem terrarum sancta confitetur Ecclesia.*”⁷ (DESROCHERS, 2013, p. 151). De maneira geral, tanto o grupo de homens presentes como o exército celestial enobrecem a árdua tarefa das “filhas do rei”: sair de sua terra natal para casar com colonizadores desconhecidos, ajudar a povoar o país e desenvolver uma nova terra.

Em *Bride of New France* (2013) o encontro com os povos nativos Iroqueses e Algonquinos ocorre por meio do jovem chamado Deskaheh. Laure é, então, apresentada a um outro mundo. Conforme ela se aproxima desse nativo, ela observa que as regras de seu povo são mais livres que as do povo francês, por exemplo, “*French men prefer the Savage girls over their own women. These girls give their bodies freely and expect nothing in return.*”⁸ (DESROCHERS, 2013, p. 231). Então, a protagonista reconhece que seu trabalho naquela terra seria árduo porque os homens, retratados como bravos colonizadores franceses, não desejam se afastar da sedução corporal ofertada por essas moças nativas, em contrapartida bastante diferente daquela pregada pela cultura europeia dominante no século XVII.

Assim sendo, o ponto intertextual da obra abre precedente para mais uma característica do romance histórico contemporâneo de mediação que “aproveita-se, também, de recursos escriturais bakhtinianos como a dialogia, a polifonia, as intertextualidades, além é claro da paródia.” (FLECK, 2017, p. 111).

Todo esse processo de chegada e adaptação ao “Novo Mundo” é elaborado por uma perspectiva da história “vista de baixo” (SHARPE, 2011). Tanto em *Desmundo* (1996) como em *Bride of New France* (2013) são as óticas femininas, relegadas à margem, que ressignificam o passado colonial, revisitam a inserção das órfãs e filhas do rei e seus acontecimentos na terra a ser desbravada. De acordo com Sharpe (2011), essa perspectiva é de vital importância porque ela proporciona “um meio para reintegrar sua história aos grupos sociais que podem ter pensado tê-la perdido, ou que nem tinham conhecimento de sua história.” (SHARPE, 2011, p. 60). Outrossim, “a história vista de baixo ajuda a convencer aqueles de nós nascidos sem colheres de prata em nossas bocas de que temos um passado, de que viemos de algum lugar.” (SHARPE, 2011, p. 63).

Ao estabelecer uma conexão com os romances em estudo, *Desmundo* (1996) e *Bride of New France* (2013), atentamos para o fato de que a ótica dessas obras conecta-se com outra característica do romance histórico contemporâneo de mediação em que o foco narrativo desses romances está ancorado nessa premissa da história “vista de baixo” (SHARPE, 2011), pois “privilegia visões a partir

⁷ Tradução: “A Vós, o brilhante exército dos mártires engrandece com louvores! A Vós, Eterno Pai, Deus de imensa majestade.” Disponível em: < <http://www.catolicoorante.com.br/oracao.php?id=113> > Acesso em: 22 set. 2020.

⁸ Tradução livre: Os homens franceses preferem as meninas selvagens a suas próprias mulheres. Essas meninas entregam seus corpos livremente e não esperam nada em troca.

das margens, sem centrar-se em grandes personagens da história como o fazem muitos novos romances históricos e algumas metaficcões historiográficas.” (FLECK, 2017, p. 110). Em vista disso, essa modalidade de construção híbrida de história e ficção distingue-se pelo fato de não buscar desmistificar grandes heróis uma vez que aposta em pontos de vistas periféricos que não são mais cimentados pelo discurso historiográfico tradicional, mas que conseguem validar suas perspectivas nos dias de hoje, ancorando-se num ato de ressignificação do passado pelo emprego da linguagem, imbuída de outras ideologias e intenções.

Conforme a narrativa brasileira se desenvolve, a protagonista, Oribela, deixa de lado seu *status* exaltado de *órfã d’el-rei* e adquire costumes dos habitantes nativos, como, por exemplo, “aprendi os fumos de naturais, que me deixavam pasmada e sonhadora, sem ver o correr dos dias, [...] Aprendi a me desnudar, no quarto, após o banho, que havia frescor sobre a pele e se entrenhando nela [...]” (MIRANDA, 1996, p. 126). Para essa personagem, puramente fictícia, ocorre um processo de transculturação (RAMA, 2008). Tal conceito, elaborado por Fernando Ortiz, mas desenvolvido por Ángel Rama, deve ser observado a partir de três pontos:

*Implica en primer término una “parcial desculturación” que puede alcanzar diversos grados y afectar variadas zonas tanto de la cultura como del ejercicio literario, aunque acarreado siempre pérdida de componentes considerados obsoletos. En segundo término implica incorporaciones procedentes de la cultura externa y en tercero un esfuerzo de recomposición manejando los elementos supervivientes de la cultura originaria y los que vienen de fuera.*⁹ (RAMA, 2008, p. 45).

O processo de adaptação na nova terra vai ocorrendo sem que a personagem Oribela evite sua transformação. Todavia, isso é um ato ousado porque ela deixava de lado seus costumes e educação, colocando em risco sua tarefa no “Novo Mundo”, a de gerar filhos de pele alva e continuar uma educação cristã, pois, de acordo com Del Priori (1992),

[...] a importação da metrópole de um discurso moralizador sobre o uso dos corpos, instala-se na Terra de Santa Cruz de par com o desejo de cristianização e difusão da fé católica, bem como a ânsia do sistema mercantil de constituir contingentes populacionais que habitassem novas terras. A ideia de adestrar a sexualidade dentro do ‘tálamo conjugal’ decorre do interesse de fazer da família o eixo irradiador da moral cristã. (DEL PRIORI, 1992, p. 15-16).

Assim sendo, ao adaptar novos hábitos ao seu estilo de vida, a protagonista do romance brasileiro, Oribela, coloca, definitivamente, em perigo o ideal esperado e que era difundido pelo discurso dominante da coroa portuguesa, a de ser uma esposa adestrada e submissa, sem possibilidade de questionamentos.

No romance canadense, o processo de adaptação da personagem Laure é mais árduo. Ela se vê, em muitos momentos, sozinha nas florestas canadenses e enfrentando um frio congelante enquanto o esposo a abandona para conseguir peles de animais por meio de uma atividade considerada, parcialmente, ilegal. Segundo o narrador da obra: “*She opens the door and sees that outside the cabin the snow is higher than her waist.*¹⁰” (DESROCHERS, 2013, p. 199) e “*She often dreams that she has frozen to death in her bed.*¹¹” (DESROCHERS, 2013, p. 203). Logo, observamos

⁹ Tradução livre: Implica, em primeira instância, numa "parcial desculturação" que pode chegar a diversos níveis e afetar variadas áreas, tanto da cultura como do fazer literário, ainda que acarretando sempre em perda de componentes considerados obsoletos. Em segunda instância, implica em incorporações procedentes da cultura externa e, em terceira instância, num esforço de recomposição, administrando os elementos sobreviventes da cultura originária e aqueles que vêm de fora.

¹⁰ Tradução livre: Ela abre a porta e vê que lá fora da cabana a neve está mais alta que a sua cintura.

¹¹ Tradução livre: Ela sonha, frequentemente, que ela congelou até morrer em sua cama.

que o clima é um fator preocupante, uma vez que isso deixa pouco espaço para o ato de cultivar a terra e progredir financeiramente, bem como abre possibilidades de não se viver por muito tempo no frio congelante. Além disso, Laure se dá conta de que está sozinha naquela terra e isso a faz compreender a impossibilidade de regressar a França e da escolha malfeita de seu casamento.

Tanto no processo de adaptação em terras brasileiras como em canadenses, as protagonistas dos romances são subjugadas pelos seus maridos, mas isso não impede de que elas tentem se rebelar contra essa figura masculina.

Em *Desmundo* (1996), Oribela, por exemplo, empreende duas fugas na tentativa de regressar a Portugal. Contudo, o cônjuge, Francisco de Albuquerque, a prende ao pé da cama limitando seu espaço físico. Também, ele limita seu espaço público de fala, conforme o excerto: “Cala tua boca. Se queres trocar palavras comigo, diz no escuro do ouvido e da chegada.” (MIRANDA, 1996, p. 82). Ele se julga correto no ato de senhorear a esposa uma vez que, como marido, ela passa a ser sua propriedade devido ao costume da época.

Em *Bride of New France* (2013), o marido escolhido por Laure, Mathurin, mostra-se um homem fraco diante das adversidades do “Novo Mundo”, porque não consegue desenvolver a propriedade onde sua casa está alocada. Assim, junta-se às outras mulheres nativas da região e impõe traições à esposa. Além da vergonha de ser menosprezada e abandonada por meses, ele havia lhe imposto a fome, como se pode ler no seguinte fragmento: “*A few stringy pieces of deer meat, more rotted than dried, hang beside the fire. Laure chews on these to calm her hungers that has become a screaming rage in her gut.*”¹² (DESROCHERS, p. 213).

Ao cotejar ambas as representações masculinas, Francisco e Mathurin, observamos no desenrolar da narrativa que o marido de Oribela foi imposto a ela e que a protagonista não teve a chance de escolher alguém, mas Laure teve a possibilidade de selecionar com quem ela desejava casar-se. Todavia, ambas personagens masculinas se mostraram opressoras e aqueles que deveriam ser portos de segurança para as esposas terminaram agindo como se elas fossem suas propriedades e não como mulheres responsáveis pela edificação familiar de uma nova nação. Seus papéis foram inferiorizados e solapados por aqueles que eram retratados como colonizadores nobres e de grande valor.

As frases das protagonistas, Oribela e Laure, nos direcionam, igualmente, para uma releitura dos programas de noiva por encomenda, o *órfãs d’el-rei* e *filles du roi*, cujas ideias principais eram a de desposar colonizadores de uma casta mais elevada, gerar filhos dentro do laço matrimonial para popular a terra em desenvolvimento e reproduzir os ideais europeus cristãos. Ao analisar as narrativas em estudo, constatamos que essas protagonistas passaram por momentos difíceis nas colônias em desbravamento, algo não apresentado pelo discurso historiográfico hegemônico que promovia as obrigações da figura representada pela mulher.

Ambas as protagonistas geraram filhos, mas foram considerados ilegítimos. A personagem Oribela, por exemplo, teve um filho com a personagem Ximeno Dias, retratado como um judeu convertido ao cristianismo no “Novo Mundo”. Essa criança, segundo a narração de Oribela, “tinha os cabelos vermelhos do mouro, disso se falava em todo o país.” (MIRANDA, 1996, p. 204). Marcava-se, dessa maneira, a relação extraconjugal daquela que havia sido incumbida de gerar filhos de pele branca, legítimos, dentro do casamento cristão, com seu esposo e não de um caso amoroso em que o desejo sexual prevalecia sobre a lei conjugal.

A personagem Laure também foi marcada por sua transgressão matrimonial porque ela, cansada do abandono e descaso do marido, relaciona-se com o nativo Deskaheh, que se mostrava mais presente no seu cotidiano. Em apenas uma noite de amor, ela engravida e dá luz a uma menina chamada Luce, que significa luz em latim. Todavia, essa “luz” se torna escuridão em sua vida uma vez que é a comprovação de sua conduta “imoral” para os preceitos da época. Ao fim da narrativa, por escolha própria, ela entrega o bebê ao pai biológico e, como o marido havia morrido congelado num rio canadense, ela busca recomeçar sua vida escolhendo outro cônjuge e tenta ocultar a marca de seus atos.

¹² Tradução livre: Poucos pedaços de carne pegajosa de veado, mais podre que seca, ficam pendurados ao lado do fogo. Laure mastiga esses para acalmar a fome que tem se tornado um grito de raiva dentro de seu intestino.

Nesse intento de ressignificar a história oficializada, classificamos os romances que nos propomos a estudar como romances históricos contemporâneos de mediação (FLECK, 2007; 2011; 2017), pois não ocorre exaltação de personagens e eventos históricos, nem degradações cômicas, paródicas ou carnavalizadas de “heróis” consagrados. No entanto, ocorre, sim, uma releitura crítica, permeada por um viés ex-cêntrico, que narra, de maneira linear, os eventos da construção romanesca através de uma linguagem simples, porém arcaizada no romance brasileiro para a verossimilhança em relação à época relida e à temática ressignificada. Nessa subjetivação do material histórico, fica demonstrada a importância da presença feminina e sua perspectiva no “Novo Mundo”, outrora relegada ao esquecimento.

Considerações finais

Este artigo apresenta, por meio dos romances *Desmundo* (1996) e *Bride of New France* (2013), uma releitura crítica dos primórdios do passado colonial brasileiro, no século XVI, e do passado canadense, no século XVII, com ênfase na percepção das protagonistas Oribela do Mendo Curvo e Laure Beauséjour em construções romanescas atuais. Por meio de suas perspectivas, a da história “vista de baixo” (SHARPE, 2011), contemplamos novas descrições sobre a terra em processo de desbravamento, o encontro com os habitantes nativos do local – momento que elas percebem uma cultura Outra –, seus processos de adaptação nas colônias brasileiras e canadenses e o desenrolar de se seus matrimônios.

Também, evidenciamos um processo romanesco de ressignificação dos programas de inserção da mulher branca europeia no “Novo Mundo”, o “*órfãs d’el-rei*” e o “*filles du roi*”. Enquanto a historiografia oficializada os destacou como programas de sucesso e com aspectos louváveis, a arte literária evidenciou algumas lacunas não preenchidas pela história, mas que poderiam ter sido representadas dessa maneira como a ficção os revela. Consequentemente,

“[...] a ficção se mostra, então, mais interessante aos olhos do leitor, não porque desconstrói aquilo que era considerado único e absoluto pelo discurso hegemônico da historiografia tradicional, mas porque tem a condição de criar um mundo verossímil no qual múltiplas possibilidades podem ser cogitadas e imaginadas.” (UBER, 2017, p. 161).

O ato de reconfigurar temáticas históricas tem se mostrado frutífero com o decorrer dos tempos. A gama de romances históricos, sejam eles tradicionais, novos romances históricos latino-americanos, metaficções historiográficas ou romances contemporâneos de mediação, abraçam inúmeras temáticas como a (re)significação da “descoberta” e colonização do “Novo Mundo”, os genocídios dos habitantes nativos, a inserção daqueles excluídos pelo discurso oficializado, as grandes guerras, entre outros.

Reler uma parte da história é poder apresentar uma perspectiva diferenciada a partir de ângulos não observados anteriormente, mas que, com certeza, promovem o surgimento de diversos discursos, possíveis momentos vivenciados e indagações que nos abrem os olhos para as novas ressignificações de um passado que, pela ficção, torna-se muito mais nosso, ao criar fissuras no discurso europeu que foi o único sob o qual o passado da colonização americana foi, nos seus primórdios, registrado.

Referências

AÍNSA, Fernando. La nueva novela histórica latinoamericana. In: *Plural*. México: 1991. p. 82-

85.

ALONSO, Amado. *Ensayo sobre la novela histórica*. Madrid: Editorial Credos, 1984.

ALMEIDA, Suely Creuza Cordeiro. *O sexo devoto: normatização e resistência feminina no Império Português – XVI-*

- XVIII. 2003. 332 f. Tese (Doutorado em História) – Centro de Filosofia e Ciências Humanas, Universidade Federal de Pernambuco, Recife, Pernambuco, 2003.
- BONNICI, Thomas. *Teoria e crítica literária feminista: conceitos e tendências*. Maringá: EDUEM, 2007.
- CASTRO, Silvio. *A carta de Pero Vaz de Caminha*. Porto Alegre: L&PM, 2008.
- COSTA, Afonso. As órfãs da rainha. *Revista do Instituto Histórico Geográfico Brasileiro*, v. 190, p. 105-111, jan./mar. 1946.
- DEL PRIORI, Mary. *A mulher na história do Brasil*. São Paulo: Contexto, 1992.
- DESROCHERS, Suzanne. *Bride of New France*. New York: Norton & Company, 2013.
- FLECK, Gilmei Francisco. A conquista do “entre-lugar”: a trajetória do romance histórico na América. *Gragoatá*, Niterói, n. 23, p. 149-167, jul./dez. 2007.
- _____. Gêneros híbridos da contemporaneidade: o romance histórico contemporâneo de mediação — leituras no âmbito da poética do descobrimento. In: RAPUCCI, C. A.; CARLOS, A. M. (Org.). *Cultura e representação: ensaios*. Assis: Triunfal Gráfica e Editora, 2011. p. 81-95.
- _____. *O romance histórico contemporâneo de mediação: entre a tradição e o desconstrucionismo – releituras críticas da história pela ficção*. Curitiba: CRV, 2017.
- GARCIA, Rodolfo. As órfãs. *Revista do Instituto Histórico Geográfico Brasileiro*, v. 192, p. 137-143, jul./set. 1946.
- HUTCHEON, Linda. *A poética do pós-modernismo: história teoria e ficção*. Rio de Janeiro: Imago, 1991.
- MATA INDURÁIN, Carlos. Retrospectiva de la evolución de la novela histórica. In: SPANG, K.; ARELLANO, Ignacio; MATA INDURÁIN, C. (Org.). *La novela histórica: teoría y comentarios*. Pamplona: EUNSA, 1995. p. 13-64.
- MENTON, Seymour. *La nueva novela histórica da la América Latina: 1979-1992*. México: Fondo de Cultura Económica, 1993.
- MIRANDA, Ana. *Desmundo*. São Paulo: Companhia das Letras, 1996.
- RAMA, Ángel. *Transculturación narrativa en América Latina*. Buenos Aires: El Andariego, 2008.
- RAMOS, Fábio Pestana. A história trágico-marítima das crianças nas embarcações portuguesas do século XVI. In: DEL PRIORI, M. L. M. (Org.). *História das crianças no Brasil*. São Paulo: Contexto, 2007. p. 19-54.
- RUNYAN, Aimie Kathleen. *Daughters of the King and Founders of a Nation: Les Filles du Roi in New France*. 2010. 101 f. (Tese – Mestrado em Artes). University of North Texas, Denton, Texas. 2010.
- SAMOYAUULT, Thiphaine. *A intertextualidade*. Trad. Sandra Nitrini. São Paulo: Aderaldo & Rothschild, 2008.
- SANTIAGO, Silviano. O entre-lugar do discurso latino-americano. In: SANTIAGO, S. (Org.). *Uma literatura nos trópicos: ensaios sobre dependência cultural*. Rio de Janeiro: Rocco, 2000. p. 9-26.
- SHARPE, Jim. A história vista de baixo. In: BURKE, P. (Org.). *A escrita da história: novas perspectivas*. Trad. Magda Lopes. São Paulo: Editora Unesp, 2011. p. 39-64.
- UBER, Beatrice. *A inserção da mulher europeia na conquista do “Novo Mundo”: perspectivas literárias*. 2017. 177 f. Dissertação (Mestrado em Letras) – Centro de Educação, Comunicação e Artes, Universidade Estadual do Oeste do Paraná, Cascavel, Paraná, 2017.
- VARELA, Consuelo. *Cristóbal Colón: textos y documentos completos*. Madri: Alianza Editorial, 1982.
- ZUG, Marcia. *Buying a Bride: An Engaging History of Mail-Order Matches*. New York: New York University Press, 2016.

Recebido em: 30 set. 2020.
Aprovado em: 23 ago. 2021.